

O APAIXONADO

Rubem Braga

Meu amigo está apaixonado, e me agarra na mesa do bar. Fala monotonicamente, e com veemência, da carta que recebeu e dos telegramas que passou em resposta — três ou quatro ou cinco telegramas grandes e sucessivos, trezentos e quarenta e oito cruzeiros de telegramas.

Pergunto porque não telefonou para a moça. Não tivera coragem, não saberia falar, tivera medo do interurbano não estar bom, da moça não poder falar direito porque haveria gente perto escutando, e então ele acharia que ela estava indiferente e sofreria demais; tivera medo sobretudo da hora

desligar, da solidão insupportável em que se sentiria então depois de ouvir sua voz, tivera medo de dizer alguma coisa que ela achasse ridículo e ele sentisse isso, preferira escrever em telegramas frases que pelo menos enquanto não tivessem resposta ficariam vibrando, e não tinha certeza se até aquele momento ela já teria chegado em casa, quem sabe, talvez naquele instante mesmo estivesse abrindo os telegramas, talvez de pé na sala, ainda com a bolsa a

tiracolo, vindo da rua, um pouco espantada de receber tantos westerns urgentes.

E com certeza sentaria no sofá, e sentiria que alguém da família a interrogava mudamente sobre aqueles telegramas e diria alguma coisa vaga para afastar o curioso, e quem sabe procuraria ficar sózinha para rere suas palavras, talvez então começasse a procurar entre aqueles números que vêm em cima do telegrama a porta da expedição, para saber qual linha sido mandado primeiro, a diferença de tempo de um para outro.

Ou não teria saído de casa naquele dia, e os telegramas teriam chegado ao longo da tarde, o primeiro devia ter sido entregue pelo meio dia e meio, o segundo pelas três horas, a empregada da casa com certeza teria rido achando graça de virem assim tantos telegramas para dona Maria.

Ou talvez tivesse saído cedo e telefonado da cidade dizendo que ia jantar fora, e então sua irmã por exemplo teria dito "aqui tem quatro telegramas para você", ficaria indecisa se mandava abrir ou não, pergun-

taria de onde eram, "meu Deus, que será isso?" talvez pensasse em alguma notícia ruim, alguma desgraça que a procurava com urgência, "bem, vou dar um pulo aí em casa". E então teria tomado um taxi e ao abrir os telegramas teria ficado aliviada mas ao mesmo tempo também um pouco desapontada, "que idéia", entretanto sorrindo.

Meu amigo está apaixonado e imagina coisas, agora é tarde demais para telefonar, além disso seria terrível saber que a essa hora ela não estava em casa — não estar em casa no dia em que recebeu aqueles telegramas tão apaixonados! Estar com aquele casal amigo e aquele sujeito em uma "boite" dançando, sorrindo, talvez gustando um pouco demais da companhia daquele sujeito só porque é um sujeito que dança bem e tem esse traquejo de "boite" e senhoras, essa bobagem que afinal qualquer idiota pode ter, ao passo que uma paixão assim tão profunda, tão profunda ninguém no mundo nunca teve — "Rubem, v. nem pode imagi-

(Conclui na 2ª Pagina)

quando haja força de vontade e inteligência de caráter.

Recomendamos a leitura de "Um Começo de Vida" nas classes de ensino supletivo de todo o país, e também aos desalentados e descrentes da idéia de que cada homem possa construir o seu próprio destino, pois que assim é, em grande parte, pelo menos.

O Ministério da Educação agradece a Raimundo Souza Dantas haver aceitado a incumbência de escrever este belo livro, aparentemente tão simples, mas tão sério e profundo, pelo que representa da capacidade que tem o homem, criatura de Deus, de progredir e aperfeiçoar-se.

Em janeiro de 1949.

CLEMENTE MARIANI

na do publico. Basta pensar nos ataques da "grande presse" quando nas primeiras vendas em que apareceram, as telas de Fouault começaram a atingir preços elevados. Não lhes foram poupados sarcasmos. E é evidente que as gravuras teriam sido recebidas com a mesma incompreensão. Compreende-se assim melhor hoje, diante do entusiasmo unanime, como o publico evoluiu, e como ele já se encontra mesmo em condições de compreender a arte de um tal critico, sabendo bem que o encanado não está na execução nem no assunto, que não provém do proprio artista, mas da época que ele estigmatiza com dolorosa intransigencia.

Esta evolução do gosto é, de certo, uma das ligões mais in-

Diario de Noticias - 7.4.89

Rev Claudia n.º 25

Ele & Ela março 97, n.º 95

RN 138

O Fluminense, nov 82